

OS IMPULSOS AVALIADORES E AS VIRTUDES NOBRES EM NIETZSCHE

VOTTO, José Luiz¹; ARALDI, Clademir Luís²

¹Universidade Federal de Pelotas, Filosofia Bacharelado; ²Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Filosofia. clademir.araldi@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A tradição filosófica idealista se caracteriza e se auto-intitula como uma busca da verdade. O pensamento desta tradição se coloca como livre das paixões, ou seja, como objetivo e puramente racional. De acordo com tal perspectiva, as paixões são vistas como problema, sendo consideradas obstáculos e perigosas distrações do trabalho de busca da verdade. Com isso, considera-se que devam ser evitadas e extirpadas. Por outro lado, Nietzsche considera que não há verdades absolutas a serem alcançadas, seguindo assim outra via de interpretação acerca do pensar filosófico, a começar pela observação dos próprios filósofos.

Em sua obra *Além do Bem e do Mal*, Nietzsche reflete sobre a própria relação dos filósofos com a verdade, levantando a hipótese da existência de uma motivação oculta desta busca pela verdade. Com a mudança de direcionamento do pensamento operada por Nietzsche, torna-se então possível conhecer algo que vai além do próprio trabalho filosófico, a saber, a dimensão ética ocupada pelas paixões na vida humana. Para Nietzsche, o pensamento filosófico deveria ser incluído entre as atividades instintivas, sendo assim um negador de que para o melhor funcionamento da atividade racional deva haver uma distância entre o pensamento e as paixões, na medida em que o próprio pensamento funcionaria dentro do quadro instintivo, seria conduzido pelos instintos.

Assim fica claro que os instintos são avaliadores na medida em que colocam interpretações próprias, que são avaliações, valorações. E entre os filósofos idealistas, formou-se uma forma particular de avaliar, fundada na crença nas oposições de valores, o que tornaria impossível uma relação de origem de algo de seu oposto, como por exemplo a *vontade de verdade* surgindo da *vontade de engano*, que é justamente o que Nietzsche sugere. Ao colocar a filosofia como confissão do seu autor, o conhecimento deixa de ser considerado como o objetivo da filosofia, passando a ser visto como um mero instrumento de impulsos que ambicionam dominar, ou seja, se tornarem senhores dos outros impulsos. Os filósofos, de acordo com Nietzsche, agiriam de forma a satisfazer o interesse de domínio dos seus impulsos. A filosofia seria a mais espiritual *vontade de poder*, de criação do mundo. E ainda que certos impulsos tenham sido proibidos e considerados desprezíveis, Nietzsche aponta que nas épocas de coerção moral tais impulsos *aprenderam* a se curvar e rebaixar, mas também a se purificar e aguçar. Não houve assim uma suposta extirpação dos impulsos, mas uma espiritualização, uma sublimação destes que assim se tornaram “invisíveis”.

Considerando o próprio pensar filosófico uma atividade condicionada pela dimensão passional, surge um problema. O pensamento ético da tradição em diversos momentos se opõe às paixões, mas como se pode pensar uma ética a partir do momento em que se considera que as paixões, os impulsos têm total domínio sobre o pensamento e a ação? Como pensar virtudes a partir da constatação de uma inegável persistência passional?

É a partir destes questionamentos que se desenvolve o presente trabalho. Pensar o agir humano em sua relação com os outros se torna uma complicada tarefa a partir do momento em que se considera que os homens agem de forma a satisfazer seus impulsos que anseiam dominar. Para desenvolver tal tarefa e compreender como Nietzsche a desenvolve recorreu-se não somente à leitura atenta aos textos do filósofo, como também à produção de relevantes comentadores sobre o tema. Assim, buscou-se a compreensão dos conceitos nietzschianos e inclusive do significado e profundidade de seus textos através de especialistas como Wolfgang Müller-Lauter, Patrick Wotling, Gilles Deleuze, Scarlett Marton, Clademir Araldi, e Oswaldo Giacoia Junior, entre outros.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi realizada primeiramente a leitura de obras de Friedrich Nietzsche, atentando para a discussão ética que este traz. Com base no foco da pesquisa, atentou-se em especial às obras *Genealogia da moral* e *Além do Bem e do Mal*. Foram realizados fichamentos dos textos, assim como produções textuais sobre pontos das obras. Para o melhor entendimento dos textos do filósofo, fez-se necessário o estudo de comentários, tendo em vista acessar interpretações bem embasadas dos textos do filósofo, que ajudam a compreender as articulações do pensamento deste. Também houve a participação no Grupo de Estudos Nietzsche da Universidade Federal de Pelotas, onde a partir da leitura da obra *Aurora* diversas questões do pensamento nietzschiano foram trabalhadas e esclarecidas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa em estágio de finalização, completando um ano de estudo sobre o tema. Neste período, foram realizadas diversas leituras, sejam de obras de Nietzsche, sejam de comentadores que produzem sobre o tema pesquisado ou mesmo de outros filósofos que Nietzsche critica e se utiliza para elaborar sua própria reflexão. Desta forma, além da compreensão das bases do pensamento nietzschiano acerca da moral e da sua problemática relação com os impulsos.

Com base nas leituras trabalhadas, foi possível compreender aspectos do pensamento de Nietzsche sobre a moral. Na sua obra *Genealogia da moral*, o filósofo desenvolve uma crítica desconstrutiva dos valores “bem” e “mal” considerados enquanto instâncias estáveis, mostrando-os como parte de um processo. Mostra assim que tais valores são relativos – sendo diametralmente opostos em duas morais diferentes, a saber, a moral dos nobres e a moral dos escravos –, sendo considerados valores essenciais unicamente pois uma moral foi vitoriosa em um momento histórico e os impôs através da sua interpretação como únicos. Ao fazer isto, Nietzsche retira o caráter de essência desta, e coloca o valor na dimensão da avaliação, da interpretação. Mas os valores possuem uma

dimensão prática, são crenças capazes de coação tirânica, e orientam a relação com a prática dos membros de uma comunidade.

As avaliações, por sua vez, provêm da afetividade. Sendo assim, as morais filosóficas possuem estreita ligação com seu autor, ou seja, com o objetivo dos seus impulsos, sendo então estas morais meramente uma linguagem simbólica dos afetos. Cabe notar que o processo em que impulsos produzem avaliações está inscrito em um processo de movimento constante entre paixões e avaliações: o afeto produz avaliações que mudam os sentimentos das coisas, que irão produzir novas avaliações. Sendo assim, também os juízos morais podem transformar impulsos. E esta reversibilidade entre paixões e avaliações encontra na linguagem um suporte para a fixação das resignificações.

Mas para Nietzsche, o reconhecimento da abrangência e atuação das paixões, assim como da sua procedência e sua potência criadora não é exatamente o foco. Seu olhar está voltado para uma atuação prática, a saber, o filósofo deverá identificar e controlar suas paixões. Mas isto não da forma como foi pregado pela filosofia idealista, pois para Nietzsche espiritualizar as paixões, colocá-las a seu serviço, nada mais é que a tarefa de interpretar, ou seja, controlar um afeto por intermédio de outro.

4 CONCLUSÃO

Baseado nas leituras das obras de Nietzsche e nos textos de renomados comentadores, pode-se concluir que Nietzsche apresenta um processo de transmutação dos impulsos em virtudes, balizado pela vontade de poder, e expresso em dois modos de vida diferentes, a saber, do nobre e do escravo. E é no nobre que Nietzsche percebe que a vontade de poder valora afirmativamente, ou seja, espiritualiza paixões afirmativamente em virtudes.

Por outro lado, na moral vitoriosa e vigente na modernidade, da qual Nietzsche é crítico (a moral do rebanho), tem-se o processo de degradação das paixões em virtudes, sendo que o que se pode esperar deste movimento é a degeneração global do homem. Com isto, para Nietzsche, torna-se necessária a criação de uma nova nobreza, tarefa que caberia aos novos filósofos, que seriam nobres.

Por fim, foi possível, através da pesquisa realizada, perceber como Nietzsche compreende a questão da persistência passional no homem, criando-se assim um problema de cunho ético que recebe uma proposta de solução do filósofo baseada em seu conceito de vontade de poder, que se identifica com a vida, sendo que para Nietzsche deve-se buscar a elevação do homem e promoção da vida.

5 REFERÊNCIAS

- ARALDI, Clademir Luís. Nietzsche como Crítico da Moral. **Dissertatio**, Pelotas, n. 27-28, p. 33-51, 2008.
- ARALDI, Clademir Luís. As paixões transmutadas em virtudes. Acerca de um dilema no pensamento ético de Nietzsche. **Dissertatio**, Pelotas, n. 33, p. 227-244, 2011.
- FINK, Eugen. **A Filosofia de Nietzsche**. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. **Nietzsche & Para além de Bem e Mal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

HALÉVY, Daniel. **Nietzsche: uma biografia**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **A doutrina da vontade de poder em Nietzsche**.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia de bolso, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, Demasiado Humano**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche – Biografia de uma Tragédia**. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre o Fundamento da Moral**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VATTIMO, Gianni. **Introdução a Nietzsche**. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

WOTLING, Patrick. **As paixões repensadas: Axiologia e afetividade no pensamento de Nietzsche**. Cadernos Nietzsche, São Paulo, n. 15, p. 7-29, 2003.